



CARA E MÁSCARA, CORPO E ESCRITURA: MARCAS EM ELIANE POTIGUARA

CARA Y MÁSCARA, CUERPO Y ESCRITURA: MARCAS EN ELIANE POTIGUARA

**Adriana de Oliveira Alves
Corrêa***

* adriana_alves_letras@hotmail.com
Mestra em Teoria Literária e Crítica Cultural pela Universidade Federal
de São João del-Rei (UFSJ), com bolsa CAPES (São João del-Rei,
MG).

RESUMO: A construção cultural e identitária esfacelada da escritora Eliane Potiguara pode ser entendida como fruto da problemática do contato das nações indígenas com os demais membros da sociedade brasileira. Por isso, esta pesquisa tem como objetivo compreender as relações entre as assimetrias da autoafirmação e da condição étnica e feminina da autora – que está inserida no limiar entre culturas indígenas e ocidentais – com o seu fazer literário fragmentado na obra *Metade Cara, Metade Máscara* (2004). Antes da análise proposta, expusemos breves considerações sobre as especificidades da escritora indígena dentro do contexto da colonização que atingiu o Brasil e toda a América Latina. Além disso, discutimos, brevemente, a respeito das questões de violência relacionadas ao corpo feminino indígena e ao território. Com isso, compreendemos que é possível a aproximação das particularidades que envolvem a constituição da identidade indígena, feminina e culturalmente múltipla da autora com o seu processo de criação literária.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Indígena. Eliane Potiguara. Mulher Indígena. Corpo. Escrita.

RESUMEN: La construcción cultural e identitaria fragmentada de la escritora Eliane Potiguara puede ser entendida como fruto de la problemática del contacto de las naciones indígenas con los demás miembros de la sociedad brasileña. Por eso, esta investigación tiene como objetivo comprender las relaciones entre las asimetrías de la autoafirmación y de la condición étnica y femenina de la autora – que está inserta en el umbral entre culturas indígenas y occidentales – con su hacer literario fragmentado en la obra *Metade Cara, Metade Máscara* (2004). Antes del análisis propuesto, expusimos breves consideraciones sobre las especificidades de la escritora indígena dentro del contexto de la colonización que afectó a Brasil y toda América Latina. Además, discutimos brevemente sobre las cuestiones de violencia relacionadas con el cuerpo femenino indígena y el territorio. Con eso, comprendemos que es posible la aproximación de las particularidades que envuelven la constitución de la identidad indígena, femenina y culturalmente múltiple de la autora con su proceso de creación literaria.

PALABRAS-CLAVE: Literatura Indígena. Eliane Potiguara. Mujer Indígena. Cuerpo. Escritura.

INTRODUÇÃO

Eliane Lima dos Santos¹ – Eliane Potiguara (1950-), como é comumente conhecida – é uma mulher pertencente aos povos Potiguara e destaque entre as escritoras indígenas no Brasil. A autora teve uma alfabetização étnica-cultural desempenhada, principalmente, por sua avó, da qual recebeu incentivo para redigir as primeiras cartas, aos sete anos de idade.

A especificidade de estar dividida entre dois mundos marca a construção da história da escritora. Em função de um processo de migração forçada que sua família sofreu no passado, Potiguara passou por uma vivência próxima à visão não indígena, pois cresceu e estudou no meio urbano, no Rio de Janeiro. A autóctone é formada em Educação e Letras pela UFRJ, e possui extensão em Educação e Meio Ambiente pela UFOP.

O ativismo da autora é notório em sua atuação em prol do Movimento Indígena Brasileiro como a participação na elaboração da *Declaração Universal dos Povos Indígenas* na ONU, em Genebra, e ao ser escolhida pelo Conselho das Mulheres do Brasil como uma das “Dez Mulheres do Ano”, em 1998. Da mesma forma, é inegável a atuação política da escritora nas questões femininas étnicas, pois é fundadora do GRUMIN/Grupo Mulher-Educação Indígena e Enlace Continental de Mujeres Indígenas².

A história individual e coletiva, o conflito identitário e a resistência étnica e feminina surgem como temática nas publicações literárias da Potiguara como: *A Terra Mãe do Índio* (1989), *Akajutibiró: terra do índio potiguara* (1994), *O coco que guardava a noite* (2012), *O pássaro encantado* (2014); *A cura da terra* (2015) e – o livro com maior destaque – *Metade Cara, Metade Máscara*, publicado em 2004³ e que está em sua 3ª edição.

Na última obra literária citada acima, a escritora recorre a uma diversidade de temas e gêneros textuais – como políticos, poéticos, ficcionais e autobiográficos – para tentar retomar e vivenciar a História dos Potiguara pela *contação* de histórias de sua avó. No decorrer da narrativa, a autora denuncia as violências e os problemas enfrentados pelos povos indígenas ao longo da história e na contemporaneidade – como o paternalismo, o racismo, a demarcação dos territórios sagrados e as questões femininas indígenas nos espaços da aldeia e nos centros urbanos.

Essas atrocidades são, também, temáticas presentes nos versos narrativos da escritora. Os poemas revelam a elaboração ficcional da personagem feminina, Cunhataí, e de seu esposo Jurupiranga, que atravessam os tempos e representam os povos indígenas. Potiguara enfrenta uma fragmentação da sua história pessoal, repleta de silêncios,

1. GRAÚNA. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*, p. 96.

2. POTIGUARA, Eliane. *Sobre a escritora*.

3. POTIGUARA, Eliane. *Sobre a escritora*.

e no seu fazer literário, construído no trânsito entre tipos textuais de diferentes naturezas.

A autobiografia é um dos recursos utilizados pela autora, pois ela tenta fazer a autoafirmação de sua identidade e do seu local de fala para embasar seu discurso politizado, marcado pelo traço étnico e por seu gênero. Com isso, deve-se pontuar que a assimetria singulariza Potiguara – inserida no limiar entre culturas indígenas e ocidentais – assim como essa característica está presente em seu labor literário.

Pensamos a seguir as especificidades da escritora inserida no contexto do processo de colonização que atingiu o Brasil e toda a América Latina, partindo da premissa de que Eliane Potiguara entende a sua construção cultural e identitária como fruto do choque intercultural. Em seguida, apresentamos uma breve discussão sobre o gênero feminino e a figura da mulher indígena, considerando questões de violência relacionadas ao corpo feminino, ao território e ao capitalismo. Posteriormente, analisamos as relações da marca da assimetria que atravessa a autora com sua autoafirmação étnica e feminina na escrita.

CORPO E ESCRITURA, DISCUSSÃO TEÓRICA

Conforme Antonio Cornejo-Polar (2000), é na heterogeneidade que se encontram as melhores possibilidades

ideológicas e literárias⁴. E essa característica está presente na literatura latino-americana e nos sujeitos sociais, os quais estão inseridos numa desordem histórica decorrente do choque entre as culturas europeias e locais.

Essa literatura surgiu, justamente, na divergência em relação ao universal homogeneizante do colonizador,⁵ segundo Haroldo de Campos. As oposições e fissuras conflitivas que marcam as culturas e produções latinas devem ser consideradas, pois, faz-se importante pensar a diferença como ruptura, como fragmentação eversiva, encontrando no escritor indígena a “diferença do diferente”⁶, uma multiplicidade de especificidades na constituição do sujeito e em sua criação textual.

Eliane Potiguara encontra-se no espaço do entre. Um não lugar violento que agride o corpo feminino. A violência vai para além disso, está presente na memória, na literatura e, sobretudo, na história da América Latina. Silviano Santiago acredita que o território latino se transformou em cópia, porém a sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo original, “mas em sua *origem*, apagada completamente pelos colonizadores”⁷. Potiguara utiliza como recurso o modelo ocidental de escrita para marcar e elucidar o espaço que ocupa na sociedade brasileira. Embora a autora manifeste sua expressão por meio da língua portuguesa, a originalidade emerge ao enfatizar o seu local de

4. CORNEJO-POLAR. *O condor voa*, p. 173.

5. CAMPOS. *Da razão antropofágica*, p. 14.

6. CAMPOS. *Da razão antropofágica*, p. 17.

7. SANTIAGO. *Uma literatura nos trópicos*, p. 14.

fala e as especificidades de suas vivências e de sua história particular e coletiva.

A autora indígena é constituída pelos silenciamentos do processo de colonização e de neocolonização – como a pecuária, a agricultura, a exploração de recursos minerais e a especulação imobiliária para a construção de condomínios de luxo. Potiguara tem seu rosto a herança dos traços étnicos. Embora a escritora encontre espaços em branco em sua biografia, ela tenta significar o que pode ser dito e elucidar aquilo que não pode dizer, visto que isso também significa. Walter Mignolo aponta que a importância de se evidenciar a *diferença colonial* está na sua tentativa de fazer novas articulações das fronteiras internas ligadas aos conflitos imperiais e rearticular as fronteiras externas atribuindo novos significados.⁸

O não lugar faz parte da realidade indígena, principalmente, na questão territorial. Esse é um dos maiores problemas dos povos autóctones, pois suas terras são tomadas, em suma, por questões de interesses econômicos. Por isso, segundo Néstor García Canclini, milhões de indígenas tiveram de migrar para espaços urbanos ou para outros países e mudaram suas maneiras de pertencer, de se identificar e “enfrentar a opressão ou a adversidade”.⁹ Consequentemente, faz-se necessário considerar que os povos étnicos são cidadãos em sentido intercultural, com

flexibilidade de pertencimentos que transitam entre local e global.

Eliane Potiguara, uma migrante, transita pelo espaço do entre, encontra-se entre culturas em movimento. O *sujeito migrante* – conceito de Cornejo-Polar – pode ser entendido como aquele que não perdeu níveis básicos de identidade, mas que não deixa de atuar de acordo com condicionamentos que os espaços acumulam sobre ele.¹⁰ Esse sujeito passa a apresentar um discurso duplo ou multiplamente situado, e a sentir certa pertença e legitimidade para atuar como emissor fragmentado de um discurso disperso,¹¹ como no caso da autora autóctone.

Com isso, essa característica migrante e fraturada singulariza a identidade da Potiguara, uma vez que é lida como uma indígena cidadina. Entretanto, a escritora pode ter a legitimidade da sua condição étnica questionada por não se enquadrar na imagem estereotipada do que se entende por ser índio – pessoa nua que vive na mata e carrega arco e flecha.

O não enquadramento nos padrões circulados pela sociedade não indígena brasileira pode ser pensado também na produção literária. Potiguara expressa a escrita de modo esfacelado, múltiplo e com alguns apagamentos semelhantes à sua identidade, principalmente por recorrer à história

8. MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 80.

9. GARCÍA CANCLINI. *Diferentes, desiguais e desconectados*, p. 66.

10. CORNEJO-POLAR. *O condor voa*, p. 300-301.

11. CORNEJO-POLAR. *O condor voa*, p. 304.

do seu povo e à sua experiência de vida como matéria do seu labor literário. A autobiografia é explicada por Leonor Arfuch como um singular habitado pela pluralidade e que exprime um espaço *entre*, revelando uma imbricação entre indivíduo e sociedade.¹² Ademais, o *valor biográfico* apresenta uma identidade fragmentária e caótica e um sujeito constitutivamente incompleto e aberto a identificações múltiplas.¹³ Compreende-se aqui uma afinidade entre as características que carrega a escritora autóctone e as especificidades que cercam a autobiografia.

Jean Franco explica que a palavra gênero em espanhol, assim como no português, abrange dois sistemas diferentes e que podem ser relacionados: o sistema de gênero sexual e o sistema de gênero discursivo.¹⁴ Segundo a autora, após a separação entre a esfera pública e a esfera privada, os gêneros do discurso oral foram excluídos da literatura canônica, essa separação propiciou a formação do gênero confessional ou testemunhal.¹⁵

Esse tipo textual passou por um processo de inferiorização assim como o gênero feminino. Franco entende que o testemunho se refere às experiências corporais,¹⁶ o que permite uma abertura para discussões que envolvam questões subalternizadas como ser mulher e ser indígena. A teórica defende que o campo cultural pode ser definido pelos limites dos gêneros discursivos e pelas dicotomias que regem

o pensamento. Isso ocorre, pois há um sistema institucionalizado com práticas e gêneros discursivos que excluem as mulheres da articulação entre conhecimento e poder¹⁷.

Com isso, uma especificidade latente no discurso de Eliane Potiguara deve ser pontuada: a questão de gênero sexual. A condição feminina passa pelo viés da desigualdade. Neste trabalho, é importante pensar o feminino atrelado ao meio ambiente ou ao território, pois é uma temática defendida pela escritora indígena e que vem ganhando destaque na Academia.

Antes de estabelecer uma discussão a respeito disso, faz-se necessário pontuar que um problema se tornou institucional e estrutural. Silvia Federici acredita que o capitalismo transformou o corpo feminino em instrumento para reprodução e expansão da força de trabalho e o tratou como máquina natural de criação.¹⁸ Além disso, esse sistema econômico garantiu parte de seu desenvolvimento graças aos processos de colonização, como o que se deu na América Latina. E, após a conquista colonial, a depreciação literária e cultural de mulheres (indígenas ou não) estava a serviço de um projeto de expropriação.¹⁹

O projeto de colonização se desdobrou na contemporaneidade. As ações e os interesses capitalistas continuam gerando violência para os povos indígenas, atingindo ainda

12. ARFUCH. *O Espaço Biográfico*, p. 340.

13. ARFUCH. *O Espaço Biográfico*, p. 56 e 80.

14. FRANCO. *Si me permiten hablar*, p. 2.

15. FRANCO. *Si me permiten hablar*, p. 6.

16. FRANCO. *Si me permiten hablar*, p. 5.

17. FRANCO. *Si me permiten hablar*, p. 2.

18. FEDERICI. *Calibã e a bruxa*, p. 163.

19. FEDERICI. *Calibã e a bruxa*, p. 186.

mais a sua parcela feminina. Contudo, a literatura tem sido um antídoto possível para combater as ações negativas praticadas por grande parte população não indígena brasileira. Essas são motivadas por interesses econômicos ou, até mesmo, por questões culturais herdadas da colonização.

Eliane Potiguara utiliza a literatura como um meio capaz de fazer circular outras possibilidades de pensar. A criação literária da autora passa pelo viés de sua vivência particular e coletiva, considerando seu pertencimento ao povo Potiguara. Contudo, é necessário problematizar o discurso de representatividade da escritora considerando as marcas do feminino e do étnico.

Os subalternos não podem falar por si mesmos,²⁰ segundo Gayatri Chakravorty Spivak. Contudo, ela organiza a representação em dois sentidos: “a representação como ‘falar por’ como ocorre na política, e representação como ‘re-representação’, como aparece na arte e na filosofia.”²¹ Existem certas especificidades e complexidades que abarcam cada nação indígena que Potiguara não consegue expressar, pois não há possibilidade de falar por outras etnias que não constituem a sua construção identitária. Entretanto, é possível que a escritora autóctone represente esses povos na escrita ao tratar de interesses políticos afins, ainda mais por fazer um contraponto com a imagem estereotipada do índio que foi consolidada e veiculada pela literatura

brasileira – para maior aprofundo no assunto, recomendamos a leitura de *O índio de papel e suas imagens literárias*.²²

A diversidade de locais de fala nas produções literárias indígenas deve ser pontuada, pois, normalmente, eles partem de aspectos étnicos específicos para aspectos de interesses comuns entre os povos autóctones. Em suma, essas expressões artísticas em língua portuguesa são direcionadas para não indígenas na busca de elaboração e aplicação de direitos que contemplem suas necessidades e para apresentarem outras versões da História.

Jean Franco questiona os possíveis interesses no ato de “fazer o subordinado falar”. Para a teórica, essa oportunidade de expressão “tem sido historicamente uma estratégia pela qual o saber é usado para estabelecer o poder”.²³ Consciente dessa problemática, Spivak defende que ignorar o subalterno é uma forma de dar continuidade ao projeto imperialista.²⁴ Embora Eliane Potiguara se encontre numa oposição intelectualizada em relação aos demais indígenas, ela continua sendo lida como autóctone pela sociedade não indígena. Com isso, Potiguara, entre suas metades identitárias, possui certo poder ao estabelecer relação entre sua vivência indígena com o desenvolvimento epistemológico e ao se posicionar contra os resultados negativos das ações imperialistas, paternalistas e capitalistas. Ademais, a autora indiana defende que o objeto de investigação faz parte

20. SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*, p. 126.

21. SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*, p. 31.

22. CORRÊA. *O índio de papel e suas imagens literárias*, p. 103.

23. FRANCO. *Si me permiten hablar*, p. 2.

24. SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*, p. 97.

25. SPIVAK. *Pode o subalterno falar?*, p. 91.

do processo de “desaprendizagem”.²⁵ Esse ato de aprender novamente reforça a necessidade de pesquisa em torno dos sujeitos marginalizados, principalmente em torno das mulheres que foram inferiorizadas e controladas ao longo do processo histórico.

Assim como, na condição de indígena, Potiguara fala por si e representa os demais povos de etnias diferentes da sua, ela denuncia as violências que sofreu por ser mulher e se posiciona como representante da agressões sofridas por outras indígenas. A voz da escritora reverbera pelas páginas do livro ao reivindicar direitos para o seu povo e demais parentes como a demarcação dos territórios e melhores condições de vida para as mulheres autóctones.

Rita Segato explica que é possível compreender que o corpo da mulher possui afinidade semântica com os territórios, sendo esse corpo um território em si.²⁶ O ventre da mulher indígena pode ser vinculado à terra sagrada, ambas passíveis de serem invadidas. As indígenas sofrem violência dentro e fora das aldeias e isso faz com que muitas se vejam divididas pela “lealdade a sua comunidade e a seus povos na frente externa e, por outro lado, a sua luta interna contra a opressão que sofrem dentro dessas mesmas comunidades e povos”.²⁷

Contudo, Rita Segato reforça a necessidade de pensar que as mulheres indígenas mantêm uma diferença e uma

história semelhante e que é imprescindível, apesar das imensas diferenças, construir uma identidade comum²⁸ para construir uma identidade política. A atuação da Potiguara para requerer direitos diferenciados para suas parentes passa por esses conflitos, pois ela considera as diversas construções identitárias das mulheres indígenas e os espaços em que a violência pode surgir.

Por fim, Silvia Rivera Cusicanqui enfatiza que o reconhecimento da alteridade indígena é uma forma de requerer uma descentralização epistemológica “que nos permitirá compreender melhor como essa aposta feminina se tornou, finalmente, solidariamente parte da resistência anticolonial”.²⁹ Ademais, faz-se necessário apontar que as sociedades indígenas são tão complexas quanto as sociedades latino-americanas, sendo tal temática crucial para criar modos apropriados de convivência e respeito interculturais.³⁰

CARA E MÁSCARA

Em *Metade Cara, Metade Máscara*, publicado em 2004, Eliane Potiguara apresenta um texto que transita entre prosa e poesia. A narrativa em prosa dá suporte – histórico, político e acadêmico – para a leitura dos versos, que relevam a fictícia história de amor entre Cunhataí e Jurupiranga.

28. SEGATO. *Uma agenda de ação afirmativa para as mulheres indígenas no Brasil*, p. 8.

29. Tradução nossa: “que nos permitirá comprender mejor cómo es que esta apuesta femenina se convirtió, finalmente, en parte solidaria de la resistencia anticolonial”. CUSICANQUI. *Violencias (re) encubiertas en Bolivia*, p. 180.

30. CUSICANQUI. *Violencias (re) encubiertas en Bolivia*, p. 189.

26. SEGATO. *La guerra contra las Mujeres*, p. 80.

27. Tradução nossa: “lealtad a sus comunidades y pueblos en el frente externo y, por otro, a su lucha interna contra la opresión que sufren dentro de esas mismas comunidades y pueblos”. SEGATO. *La guerra contra las Mujeres*, p. 112.

A escrita da indígena, como um todo, é permeada por sua autobiografia, que emerge em diversos momentos e gêneros da obra literária. Em função das ações de colonizadores e neocolonizadores, Potiguara cresceu no ambiente citadino e, por isso, ela tenta retomar parte da História de seu povo e de sua família por meio da tradição oral.

A escritora conta que sua avó Maria de Lourdes foi violentada aos 12 anos de idade. Dessa violência, nasceu Elza, mãe de Potiguara. A família passou por duas migrações forçadas: a primeira teve como destino Pernambuco, e a segunda, Rio de Janeiro.³¹ Por ter crescido fora das terras sagradas, a autora encontrou o elo com a cultura indígena, o conhecimento ancestral e os hábitos de seu povo na figura da avó – ainda que muito tenha se perdido nesse processo.

Contudo, já adulta, a poeta indígena viajou para as terras nordestinas com o objetivo de conhecer mais sobre as origens de sua família pelas memórias do Senhor Marujo:

Foi aí que, em 1979, conheceu um senhor muito velhinho e cego, o índio Potyguara, a quem chamavam Sr. Marujo, de uns 90 anos, que narrou como se deu a retirada daquela família específica por volta de 1927. Foi impactante porque eram todas mulheres, as quatro filhas do índio X, mais a mãe Maria da Luz. Sua avó, a menina Maria de Lourdes, com

apenas 12 anos, já era mãe solteira, vítima de violação sexual praticada por colonos que trabalhavam para a família inglesa X que escravizava a população indígena no plantio do algodão.³²

A história de pertencimento étnico da escritora é marcada por lacunas que aparecem nas palavras da narrativa do Sr. Marujo, que não conseguiu fornecer o nome da “família inglesa X” e do “índio X”, bisavô da Eliane Potiguara. Essa impossibilidade de dizer o que a história apagou se revela no modo como a autora indígena registra e organiza suas palavras. Ela salta entre frases e versos, entre discursos políticos e poéticos, entre silêncios e vozes.

O não lugar reverbera ruidosamente nos versos do poema *PANKARAKU*: “Estamos sempre ENTRE/ Entre este ou aquele/Entre isto ou aquilo!”³³ Potiguara se questiona no poema *BRASIL*: “O que faço com a minha cara de índia?”³⁴, uma vez que a sua identidade étnica pode gerar incômodo e ser alvo de violência.

A escritora interrompe o fluxo da narrativa poética para explicar que Cunhataí, sua personagem feminina, “demonstra o compromisso que ela tem com todas as mulheres indígenas do Brasil”.³⁵ Em outros momentos, Potiguara elenca temas que foram discutidos em seminários e conferências: “Que as políticas públicas reconheçam os direitos

31. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 24.

32. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 27.

33. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 60.

34. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 34.

35. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 69.

reprodutivos das mulheres indígenas de acordo com as tradições e culturas, desde que essas culturas não violentem as mulheres”.³⁶

Em meio aos fragmentos textuais, o leitor vai descobrindo a autobiografia para além das páginas. Podemos aproximar a violência que a indígena traz em seu corpo estruturada no próprio corpo do texto. Potiguara passeia pelas memórias da infância e pelas experiências de adulta. Ela emite sua voz na primeira pessoa do singular “foi assim que pela primeira vez assinei meu nome de escritora”³⁷ e, também, ecoa seu dizer na primeira pessoa do plural “[q]uando passávamos pelos corredores do Congresso Nacional, em Brasília, em 1988”.³⁸

Essas alternâncias podem ser vistas entre a vida da Potiguara e a personagem feminina do enredo: “Mas há momentos na vida dos seres, como na vida de Cunhataí, Jurupiranga e sua família indígena”³⁹ e no trecho: “Meu nome é Cunhataí, o nome do meu amor é Jurupiranga, nós somos indígenas”.⁴⁰ Nesses excertos, nota-se a transição da terceira pessoa para a primeira, provocando uma simbiose entre ela e sua personagem, ao assumir a primeira pessoa e o nome de Cunhataí.

A ligação entre a escritora e a figura feminina dos versos é estabelecida também por uma marca em comum que

carregam no rosto. A mancha roxa no olho direito vem acompanhada de certas situações negativas e de resistência:

A semente ferida e mutilada nasceu triste e com uma estrela no olho direito. Era Cunhataí. Foi o lado direito que quase morreu. Só ficou roxo como uma marca, “um sinal” e sobreviveu para ouvir os espíritos, os antepassados e as velhas mulheres enrugadas pelos séculos.⁴¹

Cunhataí sobreviveu à mutilação e passou a carregar a sua marca como meio de vivenciar a sua ancestralidade. Por sua vez, Potiguara também enfrentou discriminação por carregar a diferença estampada na cara:

Nasci com uma mancha roxa no olho direito. A sociedade me discriminava, principalmente os homens, que diziam que eu havia tomado um soco no olho ou tomado uma surra do marido e que eu era marcada pela polícia. Eu me sentia muito mal, com todos esses preconceitos.⁴²

Contudo, assim como a personagem, a escritora compreende que a marca é um sinal de sua ancestralidade, pois a mancha roxa possui significado espiritual, ela “é uma grande folha de jenipapo que foi identificada pelos Kaiapós”.⁴³

O feminino é uma temática presente na representação de Cunhataí e no discurso político da Potiguara. A linguagem

36. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 51.

37. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 111.

38. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 68.

39. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 100.

40. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 101.

41. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 67.

42. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 99.

43. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 99.

poética da obra literária aborda questões como a invasão da terra e do corpo indígena e a resistência. Esses temas estão presentes em poemas como: “Invasão”, no primeiro capítulo; “Neste século de dor”, no segundo; “A denúncia”, no terceiro e “Identidade Indígena”, no quarto. Além desses poemas, destacamos “Terra-Mulher” que aproxima a mulher da terra por meio do feminino no título e nos versos: “Mas luta, raiz forte da terra!/ Mesmo que te matem por ora/ Porque estás presa ainda/ Nas garras do PODER e da história”.⁴⁴

A denúncia e resistência contra a violência praticada contra as mulheres indígenas são desenvolvidas ao longo de todo o livro. O contato com o não indígena desencadeia abusos e violências sexuais e muitas razões podem ser atribuídas a isso, como a pobreza, migração forçada e fome. A escritora indígena explica:

Sobre as mulheres indígenas, a violação aos seus direitos humanos as tem conduzido às mãos de homens corruptos que as seduzem por um prato de comida, por programas, promessas eventuais que confundem o universo feminino, pois tais mulheres têm origem numa cosmovisão, valores, tradições totalmente diferentes do mundo urbano, envolvente e masculino.⁴⁵

Potiguara entende que as mulheres indígenas possuem necessidades diferentes das demais brasileiras, pois elas

sofrem violências em dois espaços e universos culturais distintos. Consciente dessa questão e com as conquistas legislativas e criação de ONGs, a escritora decidiu fundar o Grupo Mulher-Educação Indígena (Grumin):

Quando, nessa época, o Grumin levantava a bandeira da invisibilidade da mulher indígena, a antropologia, a igreja, as entidades e o Estado conservadores nos miravam como inconsequentes por falar em Saúde e Direitos Reprodutivos. Naquela época não existiam ONGs, estas foram criadas a partir de 1992, motivadas pela Conferência Internacional do Meio Ambiente, promovida pela ONU.⁴⁶

A escritora explica que as indígenas são facilmente seduzidas por prato de comida e conduzidas para a prostituição e situações que levam ao tráfico de mulheres.⁴⁷ Outro destino possível para as autóctones é servir como mão de obra escrava, como domésticas, operárias ou trabalhadoras em latifúndios.

Potiguara também aborda brevemente a questão da violência doméstica nas aldeias indígenas. Ela explica que, muitas das vezes, as agressões são motivadas pelo alcoolismo dos maridos, dos pais ou dos irmãos. No subtítulo “Violência”, a autora indígena manifesta o seu desejo de que as leis já existentes também se estendam para as indígenas. Ademais, a autóctone expressa o desejo de que esses

44. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 75.

45. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 29.

46. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 49.

47. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 29.

agressores “sejam punidos pelos órgãos competentes. Que as mulheres possam falar sobre esse assunto sem receber represálias”.⁴⁸

Ela usa o modelo de escrita do branco para falar e o que é dito gira em torno dos interesses dos povos indígenas. A literatura surge como um recurso para tentar reivindicar os direitos indígenas e pode ajudar no preenchimento das lacunas deixadas pelo apagamento e silenciamento histórico. Além disso, as letras podem servir no registro das culturas de tradição oral e conter novas possíveis fragmentações das histórias coletivas e individuais, das culturas e dos próprios sujeitos étnicos.

O reconhecimento das alteridades indígenas, da diferença de gênero e das singularidades que carregam o indígena cidadão, permite combater as ações e pensamentos coloniais, que geram violência. Quando Eliane Potiguara faz a autoafirmação da sua condição identitária e evidencia essas características em seu labor literário, ela elucida as violências que o processo de colonização e neocolonização deixou em si e nos seus parentes. Esses apagamentos, que não podem ser recuperados, são evidenciados nos nomes que não foram lembrados, como a “família X”, nas alternâncias entre prosa e poesia ou, até mesmo, na mudança do uso dos pronomes do caso reto.

É no silêncio, na marca do rosto, na fratura da ficção, na quebra do texto que Eliane Potiguara significa a história do que pode ser dito, do que foi silenciado e do que pode ganhar novas possibilidades de entendimento. Primeiro, a escritora foi marcada pelo processo histórico – do singular ao coletivo. Posteriormente, ela marcou a sua escrita com as especificidades de sua vivência como indígena e mulher.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico**: dilemas da sociedade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CAMPOS, Haroldo de. Da razão antropofágica: a Europa sob o signo da devoração. **Revista Colóquio Letras**, n. 62, julho, 1981.

CORNEJO-POLAR, Antonio. **O condor voa**: literatura e cultura latino-americana. Trad. Ilka Vale de Carvalho. Belo horizonte: UFMG, 2000.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Violencias (re) encubiertas en Bolivia**. La Paz: Editorial Piedra Rota, 2010.

FEREDICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad.: Coletivo Sycorax, 2004. Disponível em: < http://bibliopreta.com.br/wp-content/uploads/2018/01/Federici-Silvia-Caliba-e-a-bruxa_pdf-1.pdf>. Acesso em: 01 set. 2018.

48. POTIGUARA. *Metade Cara, Metade Máscara*, p. 52.

FRANCO, Jean. Si me permiten hablar: La lucha por el poder interpretativo. In: ACHUGAR, Hugo; BEVERLY, John (Ed.). **La voz del otro**: testimonio, subalternidad y verdad narrativa. Guatemala: Universidad Rafael Landívar, 2002. Disponível em: <https://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/franco._la_lucha_por_el_poder_interpretativo.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2018.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

MIGNOLO, Walter. Pensamento liminar e diferença colonial. In: MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, Metade Máscara**. São Paulo: Global, 2004.

_____. Sobre a escritora. In: **Literatura Indígena – Um pensamento brasileiro**. Disponível em: <http://www.elianepotiguara.org.br/>. Acesso em: 11 abr. 2019. SANTIAGO, Silvano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SEGATO, Rita L. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Edición: Traficantes de Sueños, 2016.

_____. **Uma agenda de ação afirmativa para as mulheres indígenas no Brasil**. Série Antropologia, n. 326. Brasília: Departamento de Antropologia/Universidade de Brasília (UnB), 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

Recebido em: 24-12-2018.

Aceito em: 03-04-2019.